

“DEIXA A PINTA PRA FORA DA QUADRA”: SOBRE HETERONORMATIVIDADE E PRECARIEDADE NO CONTEXTO DO VOLEIBOL

Leandro Teofilo de Brito

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – E-mail: teofilo.leandro@gmail.com

Resumo

Este trabalho problematiza diálogos construídos por meio de entrevista narrativa com um jovem adolescente atleta de voleibol, que se identifica como *gay*, colocando em discussão a vulnerabilidade em que o mesmo é enquadrado no contexto do esporte e, conseqüentemente, direcionando-o a maior condição de precariedade. Para isso, mobilizo as noções de performatividade de gênero e precariedade, em Judith Butler, heteronormatividade, em Michael Warner, e a proposta dialógica de entrevistas narrativas de Leonor Arfuch. O jovem adolescente atleta, em sua fala, denuncia o espaço do voleibol como um ambiente hostil e condenatório, em particular, quando sua performance de masculinidade, ao se mostrar não normativa, encontra-se submetida à desaprovação do treinador da equipe. Tal situação de vulnerabilidade aponta para maior condição de precariedade no contexto heteronormativo do esporte, pois corpos que performatizam masculinidades dissidentes encontram-se suscetíveis à exclusão e ao não pertencimento social naquele espaço.

Palavras-chave: heteronormatividade, precariedade, masculinidades, esporte, voleibol.

Introdução

O blog especializado saída de rede¹ trouxe recentemente reportagem que relatava o caso do jogador de voleibol canadense Cris Voth, impossibilitado de assinar contrato com um clube do voleibol europeu, pois os dirigentes descobriram que o atleta se assumia publicamente como homossexual. O fato mostra como a homossexualidade ainda é tabu no campo do esporte, espaço regido por heteronormas que cerceiam as carreiras de atletas em regulações sociais, em especial entre atletas *gays* que fazem a opção por “sair do armário” publicamente. Este trabalho problematiza como a orientação homossexual, articulada a performances de masculinidades dissidentes, encontram-se reguladas pela heteronormatividade, tornando os sujeitos que se identificam com tal orientação sexual suscetíveis à vulnerabilidade e, conseqüentemente, a maior condição de precariedade no contexto do esporte.

A filósofa estadunidense e teórica feminista Judith Butler apresentou discussão sobre a noção de precariedade nas obras *Precarious Life*, de 2004, e *Frames of War*, em 2009, esta última traduzida para o português no ano de 2015 como *Quadros de Guerra*. Butler (2009; 2015b), inicialmente, nomeou como vidas precárias uma certa condição humana – universal, pois todas as vidas são

¹ Saída de Rede. Acesso em: <<https://saidaderede.blogosfera.uol.com.br/2016/12/02/rejeitado-por-ser-gay-atleta-do-volei-luta-contra-preconceito-no-esporte/>>. Disponível em: 19 de junho de 2018.

precárias - pautada em reflexões ocorridas após o atentado de 11 de setembro de 2001 nos EUA, colocando em discussão as condições de crescente vulnerabilidade e violência que o país vivia naquele período. Neste sentido, Butler (2009) afirma que há formas de distribuição da vulnerabilidade em que algumas pessoas encontram-se mais expostas que as outras, enquadrando-as em maior condição de precariedade ao questionar quais vidas contam como vidas e o que faz uma vida valer a pena. Para a autora: “[...] uma vida específica não pode ser considerada lesada ou perdida se não for primeiro considerada uma vida” (BUTLER, 2015b, p.13).

Judith Butler, ainda em *Precarious Life*, amplia a discussão sobre a noção de precariedade, para além da questão da guerra, dirigindo atenção também a categorias identitárias como mulheres, negros/as, pessoas LGBTQs, entre outros/as, discutindo as consequências vividas por corpos que são socialmente regulados e sujeitos à violência e vulnerabilidade, sob certas condições sociais e políticas normativas:

Esta afirmação vale tanto para as reivindicações de *gays* e lésbicas do direito à liberdade sexual, como para a reivindicação de transexuais e transgêneros sobre o direito de autodenominação, assim como para a reivindicação de intersexuais ao direito de não submeter-se a nenhuma intervenção médica e psiquiátrica. Vale tanto para o direito a estar livre de ataques racistas, físicos e verbais, como para a reivindicação feminista da liberdade reprodutiva, assim como vale também para todos aqueles cujos corpos trabalham sob coação, política e econômica, sob condições de colonização e ocupação (BUTLER, 2009², p.51).

A noção de precariedade, para Judith Butler, é associada a teorização sobre performatividade de gênero que diz respeito a repetição de falas, atos, gestos, atuações e encenações, inscritos nos corpos dos sujeitos, que constitui e regula tanto o gênero, como o sexo e a sexualidade a partir da norma (BUTLER, 2015a). Contudo, o gênero performativo também abarca deslocamentos, pois para a filósofa, gênero significa o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam sem fundamentação direta às conformações intersticiais, hormonais, cromossômicas e físicas na sociedade. Deste modo, reconhecer que o gênero sempre e exclusivamente supõe as matrizes masculina e feminina é perder de vista o ponto crítico de que essa produção tida como inteligível, coerente e binária é contingente (BUTLER, 2012).

² Tradução minha: “Esta afirmación vale tanto para las reivindicaciones de *gays* y lesbianas del derechos a la libertad sexual como para la reivindicación de transexuales y transgéneros del derecho a la autodeterminación, así como para la reivindicación de intersexuales del derecho a no someterse a ninguna intervención médica o psiquiátrica forzada. Vale tanto para el derecho a estar libre de ataques racistas, físicos y verbales, como para la reivindicación feminista de la libertad reproductiva, así como vale también para todos aquellos cuyos cuerpos trabajan bajo cacción, política y económica, bajo condiciones de colonización y ocupación”.

Butler (2014, 2016) afirma que a precariedade está atrelada à performatividade, pois a construção teórico-epistemológica sobre performatividade de gênero buscou assegurar que as vidas de minorias sexuais possam se tornar mais vivíveis e possíveis, para que corpos não conformes às normas, assim como corpos que se conformam “bem demais” (dentro de um alto custo), possam respirar e se mover em espaços públicos e privados, e entre estes considero aqui o espaço heteronormativo do esporte. A autora coloca que a teoria da performatividade de gênero nunca prescreveu quais performances de gênero eram as corretas ou quais eram dissidentes, apenas buscou denunciar a pressão coercitiva das normas, o que também não representa transcender todas as normas com o propósito de viver uma vida mais vivível (BUTLER, 2016).

O conceito de heteronormatividade, mobilizado neste texto, foi desenvolvido pelo estadunidense Michael Warner e apropriado posteriormente por outros autores/as. Significa a normatização da ordem social que parte do pressuposto de que a heterossexualidade é natural e único modelo de orientação sexual, buscando controlar e regular a vida dos sujeitos, não apenas no que concerne à orientação sexual propriamente dita, como também na imposição de padrões de comportamentos atrelados a um suposto binarismo sexual (WARNER, 1991).

Concordando com as proposições de Michael Warner, Miskolci (2009, p.157-158) afirma que:

A heteronormatividade expressa as expectativas, as demandas e as obrigações sociais que derivam do pressuposto da heterossexualidade como natural [...]. Muito mais do que o *aperçu* de que a heterossexualidade é compulsória, a heteronormatividade é um conjunto de prescrições que fundamenta processos sociais de regulação e controle, até mesmo aqueles que não se relacionam com pessoas do sexo oposto. Assim, ela não se refere apenas aos sujeitos legítimos e normalizados, mas é uma denominação contemporânea para o dispositivo histórico da sexualidade que evidencia seu objetivo: formar todos para serem heterossexuais ou organizarem suas vidas a partir do modelo supostamente coerente, superior e “natural” da heterossexualidade.

Com base nestas teorizações, discuto, neste trabalho, narrativa de um jovem adolescente³ atleta de voleibol, que se identifica como *gay*, em que se problematiza as condições de vulnerabilidade em que o mesmo encontra-se exposto no contexto do esporte, remetendo tal questão à interpretação pela

³ O termo jovem adolescente pode ser problematizado pelo seu campo de disputa na pesquisa acadêmica. O termo jovem é mais utilizado nas pesquisas do campo da sociologia e adolescente no campo da psicologia, porém opto pela junção dos dois termos aqui nesse texto para enfatizar a instabilidade de ser referir a tal grupo, confirmada pela pesquisa acadêmica, pela legislação ou mesmo pelo senso comum (LEITE, 2015).

noção de precariedade. Na sequência, discuto a operacionalização da proposta de entrevista narrativa utilizada no campo de pesquisa.

Narrando performances, problematizando a condição de precariedade

Este é um recorte de minha tese de doutorado que encontra-se em andamento pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, intitulada, ainda de forma provisória, como *Masculinidades performativas em narrativas de jovens atletas: desconstruções*.

Operacionalizo a entrevista narrativa que será apresentada neste trabalho com base na proposta dialógica da cientista social argentina Leonor Arfuch. Tal proposta permite um novo olhar para as entrevistas, considerando em sua realização tanto as vozes dos sujeitos entrevistados como dos sujeitos que realizam as entrevistas (ARFUCH, 2010).

A construção teórica dessa abordagem tem como base autores/as que se aproximam dos estudos pós-estruturalistas, como Paul Ricoeur, Joan Scott e Mikhail Bakhtin, propondo reconhecer o espaço biográfico como um local de multiplicidades de narrativas que contam de diferentes modos histórias ou experiências de vida. A noção de identidade narrativa, em Ricoeur, é tomada por Arfuch (2010, p.119) para: “[...] permitir analisar ajustadamente o vaivém entre o tempo da narração, o tempo da vida e a (própria) experiência.

A noção de experiência, desenvolvida pela historiadora feminista Joan Scott, também se mostra imprescindível à operacionalização da proposta. Scott (1998) afirma que quando a experiência é tomada como origem do conhecimento exposto, a visão dos sujeitos, seja da pessoa que viveu a experiência ou da que relata, torna-se verdade apriorística, o que remete-se a um entendimento essencialista que opera invisibilizando formas de como a diferença é estabelecida, como e de que maneira esta constitui os sujeitos. A historiadora feminista propõe que ao tornar visível a experiência de um grupo se coloque em evidência os processos históricos que, constituídos pelo discurso, posicionam sujeitos na construção crítica de sua experiência, já que: “Não são indivíduos que têm experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência” (SCOTT, 1998, p.304). A historiadora, nesta perspectiva, problematiza o caráter incontestável da experiência sem negá-lo, permitindo a desconstrução de posições de sujeito essencializadas e pré-determinadas. Arfuch (2010, p.274/275) defende a interlocução de tais proposições ao afirmar que “essa reconsideração, à luz das novas concepções sobre identidade e narrativas que apresentamos envolve uma articulação entre o objetivo e o subjetivo, entre a particularidade da experiência e a impressão do coletivo, entre marcas de uma tradição e posições cambiantes de sujeito [...]”.

Em Mikhail Bakhtin, Leonor Arfuch traz a proposição do dialogismo, importante para operacionalização das entrevistas narrativas, pois para a autora haviam frequentemente problemas insuficientemente considerados, sobretudo no que diz respeito à voz do outro durante os diálogos das narrativas. Fato que não pode ser descartado como inexistente:

[...] Consideramos relevante, por outro lado, nessa sintonia inusual, incorporar na perspectiva teórica dos chamados ‘enfoques biográficos’ tanto a concepção bakhtiniana do dialogismo e da alteridade, quanto uma teoria do sujeito que considere seu caráter não essencial, seu posicionamento contingente e móvel nas diversas tramas em que sua voz se torna significativa. O enfoque narrativo que construímos se revela igualmente apto a esse empenho (ARFUCH, 2010, p. 31-32).

As entrevistas narrativas, no contexto mais geral da pesquisa, foram realizadas com jovens adolescentes atletas de voleibol, oriundos de colégios que desenvolvem trabalho com o esporte, clubes amadores e clubes ligados à federação do estado do Rio de Janeiro. Estes jovens adolescentes atletas identificam-se como *gays* e bissexuais e estão na faixa etária entre 18 e 19 anos, ou seja, participam da categoria juvenil em seus clubes e/ou colégios.

Interpretei as entrevistas com base na perspectiva teórica aqui apresentada, pautada, em especial, nas proposições de Judith Butler e Jacques Derrida sobre os enunciados performativos (BUTLER, 1997; DERRIDA, 1991), nomeada por “contextos de iteração” (LEITE, 2017, p.32). O contexto que será problematizado neste trabalho foi definido pelo tema *heteronormatividade*, considerando o contexto mais imediato conforme o diálogo realizado durante a entrevista.

*Goncha*⁴, jovem adolescente atleta de voleibol, que dialoguei na entrevista, tem 18 anos e é atualmente jogador de um clube amador localizado no bairro de Vila Isabel, zona norte do Rio de Janeiro, e atleta bolsista de um colégio particular do bairro da Tijuca, na mesma localidade.

Leandro: Você saiu do XXXX⁵ por causa de lesão?

Goncha: Também lesão, mas eu vou te falar a verdade... sofri muitos preconceitos lá... começou na categoria infantil, que eu era muito novo. Mas meu técnico do infante não falava que ele não me aceitava... ele não me botava pros jogos, pra jogar, e sendo que eu era um dos melhores jogadores da categoria, todos falavam, os técnicos dos outros clubes, os técnicos das outras categorias... eu fui premiado como melhor líbero do infantil no carioca pra você ter uma ideia... daí logo em seguida eu me lesionei, então foi aí que eu resolvi parar de vez com a federação, aí foi quando eu sai. Mas eu não fui cortado e nem nada, sai mesmo por causa das lesões e não tive mais vontade e força de voltar... eu não quis voltar.

Leandro: Você jogou por lá as categorias mirim, infantil e infante?

⁴ O nome do jovem adolescente atleta entrevistado é fictício, conforme as questões éticas empregadas nas pesquisas.

⁵ Mantenho também o anonimato do clube e do colégio que são mencionados nas entrevistas

Goncha: Eu cheguei a pegar lá o pré-mirim também

Leandro: Mas e a questão do preconceito com você?

Goncha: Então... todo mundo falava, ele falava mal de mim pra outros atletas, que eu era afeminado, que não podia me expor nos jogos porque todo mundo ia rir de mim... disse que eu era um jogador com futuro, mas fui crescendo, crescendo e me tornando mais afeminado... o que diminuía minhas chances lá dentro. As pessoas falam “deixa a pinta pra fora da quadra” (risos). Realmente... hoje eu pinto cabelo de loiro e minhas fotos no face são com maquiagem, tipo meio lá e meio cá, mas o importante seria eu jogar e não como me comporto... concorda comigo?

Leandro: Concordo, claro. Hoje você joga aqui só?

Goncha: Jogo aqui e tenho bolsa de atleta no Colégio XXXX que é lá na tijuca

Leandro: E lá no colégio é mais tranquilo?

Goncha: Sim... bem mais!

No diálogo apresentado, *Goncha* narra sua saída de um clube ligado à federação do estado do Rio de Janeiro por suposta homofobia vivida, em especial, na categoria infantojuvenil, embora aponte que tal situação começou a ocorrer na categoria anterior, a infantil. A questão central, segundo o jovem adolescente atleta, diz respeito à sua performance de masculinidade não normativa que trazia certo incômodo ao seu treinador, que não lhe dava oportunidades na equipe e comentava sobre o fato com outras pessoas no clube.

Nas reflexões propostas por Butler (2015b), a condição de precariedade de uma vida perpassa o que ela nomeia de ontologia corporal. Para a teórica feminista, o termo ontologia, em seu sentido filosófico mais clássico, não pode ser destituído de qualquer instância social e política, pois ao pensar em uma nova ontologia corporal deve-se repensar o “ser” pela precariedade, vulnerabilidade, dor, desejo, entre outras possibilidades imbricadas ao pertencimento social. O corpo, lido por essa ontologia, é um “ser” entregue às normas que está posta afim de maximizar a condição de precariedade para alguns e minimizar para outros.

Não é possível definir primeiro a ontologia do corpo e depois as significações sociais que o corpo assume. Antes, ser um corpo é estar exposto a uma modelagem e uma forma social, e isso é o que faz da ontologia do corpo uma ontologia social. Em outras palavras o corpo está exposto a forças articuladas social e politicamente, bem como a exigências de sociabilidade – incluindo a linguagem, o trabalho e o desejo -, que tornam a subsistência e a prosperidade do corpo possíveis (BUTLER, 2015b, p.15/16).

E é justamente esse corpo regulado e heteronormatizado que é exigido pelo treinador de *Goncha* para que se possa ter oportunidades na equipe esportiva. Jovens adolescentes atletas de voleibol que performatizam masculinidades dissidentes, conforme o relato de *Goncha*, incoerentes com as premissas heteronormativas e inteligíveis, estão enquadrados numa maior condição de

precariedade pela vulnerabilidade em que encontram-se expostos no campo do esporte, por desafiarem as normas ao performatizarem masculinidades transgressoras naquele espaço.

Rodrigues (2017), ao comentar a noção de precariedade, afirma que a violência de estado é um dos princípios colocados em problematização por essa noção butleriana, que se torna mais aguda quando direcionada a gêneros não inteligíveis na ordem social mais normativa, o que faz a teórica feminista defender uma democracia radical como instrumento de enfrentamento à violência de estado. Por este ponto, a autora coloca: “[...] que só haverá democracia radical quando e se qualquer corpo – independentemente de sua marcação de gênero, raça, classe, etnia ou religião – não estiver desigualmente exposto à violência estatal” (RODRIGUES, 2017, p.31).

Essa argumentação, dentro do contexto de discussão aqui proposto, denuncia como corpos *gays* que performatizam masculinidades não normativas encontram-se vulneráveis à violência de estado, em seu sentido mais amplo, estando sujeitos ao não reconhecimento pelas instituições sociais, tal como o esporte, pois coloca em evidência a maior condição precária a qual estão enquadrados na sociedade. Butler (2016) afirma que as normas de gênero estão diretamente ligadas à precariedade, pois aqueles e aquelas que não performatizam seus gêneros dentro dos enquadramentos inteligíveis estão em risco acentuado de assédio, patologização e violência.

A performatividade de gênero é assim atrelada às maneiras diferenciais em que sujeitos se tornam elegíveis ao reconhecimento. E o reconhecimento depende, fundamentalmente, da existência de meios, de uma forma de apresentação na qual o corpo pode aparecer. Ainda que algo como reconhecimento completo seja certamente uma fantasia, e uma fantasia que nos prende a um certo espectro de quem nós pudéssemos ou devêssemos ser [...] (BUTLER, 2016, p.36).

Goncha, mesmo reconhecendo que sua performance de gênero poderia ser um entrave para o prosseguimento de uma carreira futura como atleta profissional, deixava claro que não concordava com a suposta homofobia vivida no clube ao afirmar na entrevista que o “*importante seria eu jogar e não como me comporto*”. A resistência posta pelo jovem adolescente atleta, quando na narrativa afirma não querer voltar ao clube em que jogava, buscando sua inserção em outro espaço e se mantendo como atleta no colégio em que estuda, se mostra importante como forma de confrontar a violência estatal que permite, por não haver na legislação uma lei que puna questões de homofobia, situações como a vivenciada pelo mesmo no clube.

Considerações finais

A suposta situação de homofobia narrada, em direta associação com a performance de masculinidade não normativa do jovem adolescente atleta, coloca em evidência a vulnerabilidade que o contexto heteronormativo do esporte o enquadra, conseqüentemente também em uma maior condição de precariedade, pois corpos que performatizam masculinidades incoerentes com as heteronormas encontram-se suscetíveis à exclusão e ao não pertencimento social naquele espaço.

A vulnerabilidade é parte da vida corporal, como afirma Judith Butler, e, neste sentido, as condições sociais e políticas normativas discorrem sobre possibilidades maiores ou menores de precariedade. No caso do jovem adolescente atleta, sua performance de masculinidade dissidente significava maior vulnerabilidade corporal, conseqüentemente maior condição de precariedade no espaço do voleibol, todavia condição não reconhecida nesse contexto social em que o mesmo circula. Esse é o problema denunciado por Judith Butler sobre corpos vulneráveis, que se constitui pela luta de apreensão da condição de precariedade.

A heteronormatividade presente no espaço do esporte enquadra como ininteligíveis corpos que, a partir de performances de gênero dissidentes, desafiam as estruturas normativas impostas ao lutar pelo seu reconhecimento no social. Corpos *gays* que performatizam masculinidades em dissonância com as heteronormas, são corpos que travam uma incansável busca pelo reconhecimento de que suas vidas sejam consideradas vidas vivíveis na ordem social normativa.

REFERÊNCIAS

- ARFUCH, L. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2010.
- BUTLER, J. Corpos que ainda importam. In: COLLING, L. (Org.). **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016, p.19-42.
- BUTLER, J. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2012.
- BUTLER, J. **Excitable speech**. A politics of the performative. New York/USA: Routledge, 1997.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 8ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.
- BUTLER, J. **Quadros de guerra**: quando a vida é passível de luto? Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.
- BUTLER, J. Repensar la vulnerabilidad y la resistencia. In: XV Simposio de la Asociación Internacional de Filósofas (IAPh), Madrid, 2014. **Anais...**

- BUTLER, J. **Vida precaria**. El poder del duelo y la violencia. Argentina: Editorial Paidós, 2009.
- DERRIDA, J. **Limited Inc**. Campinas/SP: Papirus, 1991.
- LEITE, M. S. Em desconstrução: textos e contextos na educação escolar do jovem mais jovem. In: LEITE, M. S.; GABRIEL, C. T. (Orgs.). **Linguagem, discurso, pesquisa e educação**. Rio de Janeiro: DP et alli, 2015, p. 321-350.
- LEITE, M. S. No “Colégio dos alunos, por alunos, para alunos”: feminismo e desconstrução em narrativas das ocupações. **ETD: Educação Temática Digital**, v. 19, p. 23-47, 2017.
- MISKOLCI, R. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Revista Sociologias**, UFRGS, v. 21, p. 150-182, 2009.
- RODRIGUES, C. Problemas de gênero para e na democracia. **Ciência & Cultura**, v. 69, p. 20, 2017.
- SCOTT, J. A invisibilidade da experiência. **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, São Paulo, v. 16, p.297-325, 1998.
- WARNER, M. **Fear of a queer planet**: queer politics and social theory. Minnesota: Minnesota Press, 1993.